

| 624 | A INDÚSTRIA E O ESPAÇO URBANO E REGIONAL: O SETOR VITIVINÍCOLA NA REGIÃO DE BENTO GONÇALVES E GARIBALDI, RS

Clarice Maraschin, Karina Franzoloso Guidolin

Resumo

O trabalho aborda a relação entre a atividade industrial e o espaço urbano e regional, mais especificamente, o caso da indústria vitivinícola na região de Bento Gonçalves e Garibaldi, no Rio Grande do Sul. O interesse deste estudo é motivado por evidências empíricas de mudanças no padrão locacional destas empresas, associadas a novos processos de uso e ocupação do espaço regional, característicos das cidades contemporâneas. O objetivo do artigo é analisar justamente estas transformações recentes no processo de estruturação espacial desta indústria e destacar alguns impactos de tais mudanças no espaço urbano, rural e regional. O trabalho desenvolve uma análise espacial das mudanças locais das empresas entre 1991 e 2010, avaliando também alguns indicadores que embasam uma discussão preliminar sobre as transformações sócio-espaciais que estão ocorrendo atualmente na região. O estudo permitiu detectar uma tendência de saída das indústrias das áreas urbanas, bem como a concentração industrial no Vale dos Vinhedos, região que também desponta com considerável diversificação funcional voltada prioritariamente ao turista e ao morador de alta renda.

Palavras-Chave: Localização industrial. Indústria vitivinícola. Vale dos Vinhedos

Introdução

O trabalho aborda a relação entre a atividade industrial e o espaço urbano e regional, mais especificamente, o caso da indústria vitivinícola na região de Bento Gonçalves e Garibaldi, no Rio Grande do Sul. A indústria vitivinícola desenvolve a produção de sucos de uva, vinhos de mesa, vinhos finos e espumantes, sendo que o Rio Grande do Sul é responsável por 90% da produção nacional desses produtos (Mello, 2010).

Principalmente a partir da década de 1990, as empresas se depararam com a intensificação do processo de globalização, abertura dos mercados e a formação do MERCOSUL, fazendo com que a indústria vitivinícola nacional tivesse que se adequar frente aos novos desafios. Ao mesmo tempo, as localizações tradicionais desse tipo de indústria nas áreas junto aos centros das cidades foram tornando-se problemáticas, por dificuldades de circulação, falta de terrenos apropriados, entre outros fatores.

Nas últimas duas décadas têm ocorrido mudanças no padrão locacional das vinícolas. Verifica-se um movimento de saída destas empresas das áreas centrais dos municípios, bem como a constituição de novos padrões de aglomeração. O objetivo do artigo

é analisar as transformações recentes no processo de estruturação espacial desta indústria e destacar alguns impactos de tais mudanças no espaço urbano, rural e regional. Dessa forma, o estudo procura contribuir para o melhor conhecimento desses processos complexos.

O trabalho está organizado em cinco itens, além desta introdução. Inicialmente apresenta-se um breve quadro teórico de referência para análise da localização industrial na cidade contemporânea. O segundo item introduz o estudo empírico e apresenta uma contextualização da atividade vitivinícola na região, enfocando também as mudanças na organização das empresas, ocorridas principalmente a partir da década 1990. O terceiro item apresenta uma análise espacial comparativa, enfocando a localização industrial em dois momentos, 1990 e 2010. O quarto item apresenta alguns indicadores que embasam uma discussão preliminar sobre as transformações sócio-espaciais que estão ocorrendo atualmente na região. Finalizando o trabalho, apresentam-se algumas conclusões possibilitadas pelo estudo.

1. Indústria e espaço urbano e regional: perspectiva teórica

Este item estabelece uma referência teórica para o estudo da relação entre a indústria e o espaço urbano e regional. Apresentam-se brevemente algumas teorias, clássicas e contemporâneas, que têm tratado o tema da localização industrial. Num segundo momento, abordam-se as transformações que estão ocorrendo na própria cidade contemporânea. A partir destes dois enfoques, define-se a metodologia para análise do objeto de estudo.

1.1 A localização industrial

As teorias clássicas de localização baseiam-se, primordialmente na interpretação das decisões empresariais em uma economia de mercado, sobre o melhor sítio onde devem localizar-se. Os estudos sobre a localização industrial iniciaram no século XIX, a partir dos trabalhos pioneiros de Von Thünen (1780-1850) e Alfred Weber (1868-1958), posteriormente complementados por outros autores como August Lösch e Walter Isard.

A abordagem clássica procura explicar a distribuição das atividades no espaço, considerando fatores de atração e repulsão, com ênfase no papel da distância, ou o custo de se deslocar no espaço. A atração ou repulsão distribui as atividades sobre o espaço geográfico, levando-as a se concentrarem ou a se dispersarem. Os principais fatores

tradicionais de localização industrial podem ser resumidos em termos de custo de transporte de matérias-primas e produtos acabados, custo de mão-de-obra e fatores aglomerativos e desaglomerativos (Richardson, 1975). Uma vez que os primeiros dois elementos tenham definido a localização de uma empresa, os fatores aglomerativos – economias externas, como aproveitamento de operários já treinados por outras firmas, ou acesso ao *know-how* na utilização de equipamentos, entre outros – e desaglomerativos – por exemplo, renda da terra, congestionamentos, poluição – passam a atuar, determinando o grau de proximidade de tais empresas entre si.

A teoria clássica tem várias restrições como, por exemplo, presumir concorrência perfeita, homogeneidade territorial, maximização dos lucros e racionalidade do consumidor. Mesmo assim é notável sua contribuição nos estudos de localização. Atualmente ainda possuem poder explicativo para possíveis identificações de tendências de aglomerações ou dispersões de atividades econômicas.

A partir da década de 1970, começaram a ser observados esforços para o desenvolvimento de modelos e abordagens que pudessem dar conta dos novos padrões de acumulação baseados na automação integrada flexível e dos movimentos de abertura comercial e desregulamentação econômica, configurando aquilo que aqui se convencionou chamar de produção recente em desenvolvimento regional (Cavalcante, 2008, p. 11).

As novas teorias de desenvolvimento regional passam a enfatizar algum tipo de mecanismo dinâmico de auto-reforço resultante de externalidades provenientes da aglomeração industrial, sendo que as idéias de Alfred Marshall, desenvolvidas ainda na década de 1890, são consideradas pioneiras para essa nova visão.

Pelo fato das novas indústrias basearem-se fortemente em ciência e serem largamente dependentes de inovações, um dos elementos mais críticos da localização tornou-se a presença de profissionais altamente qualificados (empreendedores e colaboradores), com conhecimento em áreas específicas. Os comportamentos inovadores dependem de variáveis definidas no nível local ou regional, ou seja, o passado dos territórios, sua organização, sua capacidade de criar um projeto comum, baseado em consenso local. Nessa visão, a questão locacional assume uma nova dimensão a partir da crescente liberação da implantação industrial com relação aos determinantes geográficos, em consequência essencialmente do progresso técnico.

Entre os novos fatores de localização considerados ao descrever o comportamento locacional das indústrias modernas estão a força de trabalho (aspectos

qualitativos), disponibilidade de capital, proximidade de centros de ensino e pesquisa, incentivos fiscais governamentais, mercados globais, criação de distritos industriais, cultura empreendedora, integração em redes, motivações pessoais dos empresários etc. (Barquette, 2002, p. 104).

Tornam-se importantes a presença de instituições de ensino e pesquisa e de uma cultura de pesquisa capaz de sustentar o desenvolvimento baseado em inovações, além da prática de relacionamentos estreitos entre universidades, cientistas e empresários. A relevância dos fatores telecomunicações e transportes está em facilitar o acesso a informações e mercados, como possibilitar de redes de cooperação e parcerias.

Também entre os fatores contemporâneos de localização estão bom clima, ambiente agradável, rica vida cultural, proximidade de amenidades urbanas, opções de lazer, ausência de poluição, conjunto urbanístico e arquitetônico harmonioso e ecologicamente integrado ao meio ambiente. No que se refere ao perfil da comunidade, são importantes o ambiente local em termos de mentalidade, atitudes, cultura e vocação econômica, influenciando o comportamento empreendedor e inovador.

Finalizando, verifica-se que os fatores clássicos são necessários, mas não suficientes para explicar a lógica atual da localização das indústrias, pois há novos elementos que afetam esses negócios.

1.2 A cidade contemporânea

Do ponto de vista do processo de urbanização, há consciência de que a cidade contemporânea vem experimentando inúmeras transformações, sendo que alguns dos seus aspectos mais evidentes são a fragmentação, a heterogeneidade e a dispersão (Secchi, 2006, p. 94). As inovações tecnológicas associadas a complexas mudanças de caráter econômico e social estariam dando como resultado uma ruptura generalizada nas pautas de localização de praticamente todos os elementos que compõem as aglomerações urbanas por distintas que elas sejam.

Um dos fenômenos que melhor caracterizam a metrópole contemporânea é a tendência à configuração de estruturas policêntricas, que substituem progressivamente o característico gradiente de densidades decrescentes do centro à periferia (Michelini *et al*, 2012). As dinâmicas e processos que sustentam e expressam novas formas de assentamento humano não se restringem aos espaços metropolitanos, embora tenha sido neles que primeiramente ocorreram e com níveis de complexidade mais acentuados.

Atualmente, espaços urbanos de diferentes tamanhos demográficos e diversidade de papéis urbanos vêm conhecendo mudanças dessa natureza, indicando que se trata, efetivamente, de novas formas de se produzir e se apropriar do espaço, com impactos importantes na vida econômica e social, gerando, sobretudo, a constituição de novos habitats residenciais, ainda que eles possam ser observados, também, no que respeita à localização de atividades industriais, comerciais e de serviços (Sposito, 2009, p.39).

O espalhamento do tecido urbano, seja ele analisado pelo seu caráter de dispersão, difusão ou descontinuidade territorial, coloca em xeque a distinção estabelecida entre o urbano e o rural. Segundo Sposito, a intensificação das relações entre o urbano e o rural, que o próprio desenvolvimento do modo capitalista de produção engendra, está acompanhada, no período contemporâneo, de interpenetração entre espaços urbanos e rurais, bem como de ampliação dos valores, práticas e formas de uso do tempo relacionadas ao espaço urbano, sobre a vida e os valores, até então, reconhecidos como rurais (Sposito, 2009, p.39).

Loteamentos e condomínios horizontais e verticais, associados aos ideais de segurança, melhor qualidade ambiental e de vida, ampliam a tendência de uma cidade dispersa, propiciada pela generalização do uso do transporte individual entre os segmentos de médio e alto poder aquisitivo. Dessa forma, a oferta destes novos produtos imobiliários associa-se aos desejos e interesses destas parcelas da população para novas formas de morar e viver. Grande parte dos novos espaços de moradia e de consumo reflete a tendência de fortalecimento dos agrupamentos por extratos socioeconômicos ou também por interesses de consumo (bens ou lazer). Essas novas formas de assentamentos dispersos são acompanhadas de dinâmicas de segregação e auto-segregação sócio-espacial, que reduzem o papel do espaço público.

As novas formas de circulação (transportes e comunicação) constituem as bases materiais que viabilizam tecnicamente a cidade dispersa. As novas tecnologias de comunicação (internet, redes de comunicação por satélite, etc.) ampliam e aceleram os fluxos imateriais, enquanto que as vias expressas e rodovias viabilizam os fluxos de pessoas e mercadorias.

Os impactos desses novos processos de urbanização contemporânea ainda estão por ser compreendidos de forma abrangente. No que se refere ao planejamento urbano, Sposito (2009) levanta dúvidas sobre a eficácia social e econômica na elaboração dos Planos Diretores de Desenvolvimento que, no Brasil, são pensados em bases municipais, dando

mais atenção ao espaço urbano e pouca ou nenhuma a seus e espaços rurais. O fato de os planos serem voltados a uma cidade específica também cria problemas no trato das várias entidades espaciais que fazem parte dos novos assentamentos humanos.

Surgem questões importantes como os custos públicos, sociais e ambientais da expansão das infraestruturas, equipamentos e serviços em áreas dispersas (Indovina, 2007). As enormes disparidades sócio-econômicas que caracterizam a formação social brasileira também exigem a reflexão sobre os impactos da cidade dispersa sobre as populações pobres.

1.3 A indústria e a cidade contemporânea

A breve revisão desenvolvida nos itens anteriores permite verificar que as transformações na distribuição espacial da atividade industrial não podem ser analisadas isoladamente, pois fazem parte de um processo maior de mudanças pelas quais passa a cidade contemporânea.

Nesse sentido, um caminho analítico é considerar a cidade como um sistema complexo, formado por inúmeros componentes espaciais e atores sociais, cujas ações geram no conjunto uma intrincada rede de externalidades. O desenvolvimento urbano se relaciona à introdução e crescimento de novas atividades e à adaptação mútua da paisagem e da população às mudanças provocadas por essas atividades. Desenvolvimento assim está relacionado à emergência de novas organizações espaciais, novas atividades e comportamentos e às mudanças estruturais implicadas (Allen, 1997, p. 3).

A estruturação espacial pode ser considerada como um processo emergente, que aloca atividades a espaços, em função da disponibilidade, características e posição relativa destes últimos e também em função das relações entre atividades. Ao mesmo tempo, o processo aloca espaço transformado (edifícios, ruas, etc.) sobre o território, em função das demandas demonstradas pelas atividades urbanas (Crowther e Echenique, 1975, p. 251).

No caso específico da indústria vitivinícola na região de Bento Gonçalves e Garibaldi, a década de 1990 poderia ser considerada um momento importante num processo de profundas transformações e de reestruturação produtiva desta atividade. A análise dos novos padrões espaciais dessa indústria e seus impactos na estrutura urbana e regional pode ser desenvolvida a partir das seguintes estratégias analíticas:

- Análise das transformações na própria atividade vitivinícola e na organização das empresas, repercutindo em novas relações e fluxos com as demais funções urbanas, rurais e regionais;

- Verificação das mudanças no padrão de localização das empresas, comparando a situação antes e depois do marco temporal da década de 1990;
- Análise preliminar de alguns indicadores sócio-espaciais (renda média, densidade populacional, acessibilidade e uso do solo), os quais apontam para algumas mudanças na estrutura espacial da região.

2. A nova indústria vitivinícola na região de Bento Gonçalves e Garibaldi

Os municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi estão localizados na serra gaúcha, uma das mais importantes regiões econômicas do Rio Grande do Sul e apresentam uma produção industrial representativa, destacando-se a indústria vitivinícola, moveleira, metal-mecânica e turística. Bento Gonçalves é um município de médio porte com população de 107.278 habitantes, já Garibaldi conta com 30.689 habitantes (IBGE, 2010).

Ambos os municípios fazem parte da AUNE (Aglomeração Urbana do Nordeste do Rio Grande do Sul) que é uma instância regional de Planejamento Regional que articula e integra as ações públicas de interesse comum, abrangendo aspectos ambientais, sociais e econômicos, por meio de políticas municipais integradas. A AUNE é composta por dez municípios e tem como pólo a cidade de Caxias do Sul (Figura 1).

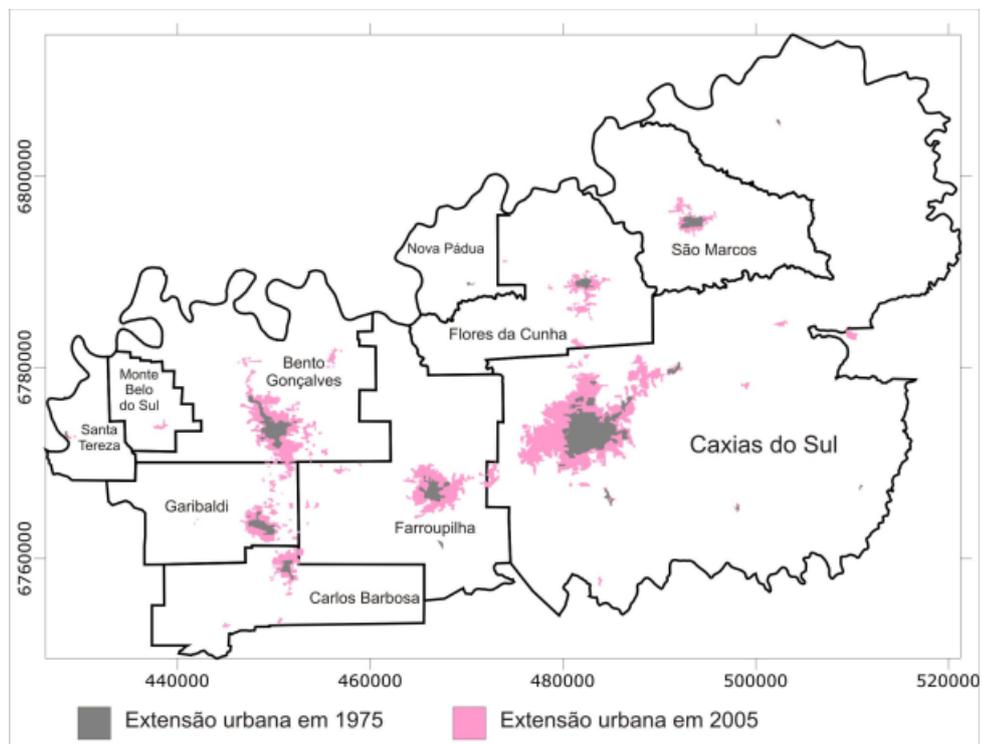


Figura 1 - Mapa da Aglomeração Urbana do Nordeste do Rio Grande do Sul

Fonte: AUNE

No Rio Grande do Sul, a vitivinicultura desenvolveu-se com a colonização de origem italiana, desenvolvida a partir da segunda metade do século XIX, especialmente na serra gaúcha. O cultivo da videira pelo imigrante italiano iniciou apenas para o consumo da família, logo em seguida o vinho tomou expressão e passou a constituir uma atividade industrial.

Silvana Gollo (2006) aponta que a indústria vinícola brasileira teve quatro gerações principais. A primeira, até a década de 1920, marca a produção de vinhos de acordo com a tradição dos imigrantes italianos. A segunda, até o final da década de 1960, houve a diversificação dos produtos e o aumento da produção. A terceira geração (1970-1990) foi marcada pela entrada das multinacionais, resultando em algumas mudanças significativas no processo produtivo, desde a matéria prima até o produto final, melhorando a qualidade deste e introduzindo os vinhos finos. No início do século XXI, o Brasil entrou na quarta geração de vinhos, reafirmando a qualidade e a identidade dos vinhos produzidos com indicação geográfica. No entanto, o Brasil se apresenta ainda como país emergente na produção de vinhos finos e seus investimentos em qualidade são recentes. Atualmente as vinícolas familiares são a tipologia empresarial mais disseminada, algumas cresceram em porte e representatividade econômica e outras focaram em pequenas produções de vinhos mais exclusivos. Algumas cooperativas ainda são importantes e significativas ao mercado, já outras foram sendo dissolvidas.

A partir dos anos 1980 e 1990, a tecnologia foi disseminada entre o setor vitivinícola gaúcho, principalmente, pela instalação de empresas multinacionais, como a *Bacardi Martini* e a *Moet Chandon*. Com as novas tecnologias, as vinícolas começaram a controlar as fermentações, a utilizar leveduras e enzimas selecionadas e usar tanques de aço inoxidável, o que resultou em produtos melhores (Valduga, 2007).

Foi a partir da década de 1990, quando importantes transformações sócio-econômicas mundiais fizeram com que a indústria tivesse que se adequar ao processo de globalização. Pressões concorrenciais de ordem internacional forçaram as firmas do setor agroalimentar a manter um melhor controle de processo, uma maior economia de escala, uma preocupação com a segurança do alimento e qualidade nutricional, demandada pelos consumidores cada vez mais ávidos pela conveniência, variedade e qualidade. Esses fatores geram pressões pelo aumento de investimentos em pesquisa e desenvolvimento nesta

indústria. Consequentemente, as organizações investem progressivamente em pesquisa e incorporação de novas tecnologias que fortaleçam sua atual posição competitiva.

A década de 1990 marca um período de crises no setor vitivinícola da serra gaúcha, como consequência da entrada de vinhos importados com custo inferior e melhor qualidade. Nesse contexto, deu-se a falência de algumas cooperativas, levando ao fortalecimento das vinícolas familiares na região da serra. Muitas famílias produtoras de uvas deixaram de vender sua produção para as grandes vinícolas e passaram a fazer seu próprio vinho e comercializá-lo (Valduga, 2007, p. 83).

No ano de 1995, seis vinícolas familiares se associaram e fundaram a Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE), cujos objetivos eram a qualificação dos produtos vinícolas e a promoção do potencial turístico da região. O Vale dos Vinhedos é uma pequena região (81 km²) localizada entre os municípios de Bento Gonçalves (60% da área), Garibaldi (30%) e Monte Belo do Sul (10%). A Aprovale reúne diferentes empresas associadas: produtoras (vinícolas) e contribuintes (hotéis, pousadas, queijarias, agências de turismo, restaurantes, etc.)

Em 2002, a APROVALE conquistou a primeira Indicação de Procedência (IP) do Brasil e, em 2011, a Denominação de Origem (DO), ambas outorgadas pelo INPI (Instituto Nacional de Propriedade Industrial). Nesse processo, houve o zoneamento geográfico do Vale dos Vinhedos, a partir de critérios topográficos, topo-climáticos e de solos. Os regulamentos dessas certificações incluem aspectos da produção, do controle e da comercialização dos vinhos, como a obrigatoriedade de serem elaborados, envelhecidos e engarrafados na área geográfica delimitada.

O Vale dos Vinhedos é considerado um exemplo de *sistema local de inovação*, no qual um conjunto de organizações se relaciona com o intuito de gerar inovações, resultando num aumento da competitividade (Jeziorny e Ortega, 2011). Nesse sistema, a cooperação surge como uma relação essencial, associada aos processos de aprendizagem e, portanto à combinação de conhecimento. Destacam-se alguns agentes importantes nesse sistema, com a Universidade de Caxias do Sul, o CNPUV-EMBRAPA (Centro de Pesquisas da Uva e Vinho da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), o Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre outros. Assim, verifica-se que Estado, através de suas diversas agências de pesquisa e fomento, foi importante como apoiador desse sistema de inovação.

No que se refere à promoção do potencial turístico, a região desenvolveu o enoturismo, o turismo rural ligado ao vinho, contribuindo para diversos aspectos de desenvolvimento regional, entre os quais Ultramari e Duarte (2011, p.90 e 91) destacam a diversificação econômica, melhoria das condições de vida das famílias rurais, diminuição do êxodo rural, conservação dos recursos naturais, melhoramento da infraestrutura de transporte; comunicação e saneamento, valorização das práticas rurais, tanto sociais quanto de trabalho e o resgate da autoestima do campesino.

3. Padrões locacionais da indústria vitivinícola: 1991 e 2010

A Figura 2 apresenta o mapa da região de Bento Gonçalves e Garibaldi, onde estão localizadas as indústrias vitivinícolas em duas épocas, 1991 e 2010, que representam momentos antes e após as mudanças ocorridas ao longo da década de 1990.

Uma primeira observação refere-se ao crescimento no número total de empresas do setor, que passou de 21 para 140 empresas neste período, representando um crescimento de mais de seis vezes. Este aumento se relaciona a vários fatores, entre eles o crescimento econômico brasileiro vivenciado nas duas últimas décadas, ampliação do consumo do vinho e demais produtos, bem como o sucesso das estratégias de negócios das empresas locais.

A Figura 2 evidencia também alterações no padrão de localização dessas indústrias. Observa-se que este crescimento se deu preferencialmente fora das áreas urbanas, sendo que as indústrias estão buscando localizações junto às rodovias e também no espaço rural, aglomerando-se em especial na região do Vale dos Vinhedos.

Em 1991, os dois núcleos urbanos (Bento Gonçalves e Garibaldi) concentravam a maior parte das indústrias. No entanto, ao longo da década, os dois municípios tiveram uma considerável expansão urbana. Em Bento Gonçalves observa-se uma redução no número de indústrias deste segmento localizadas em áreas urbanas; já em Garibaldi, as indústrias ainda permanecem no núcleo urbano e novas surgiram na área rural.

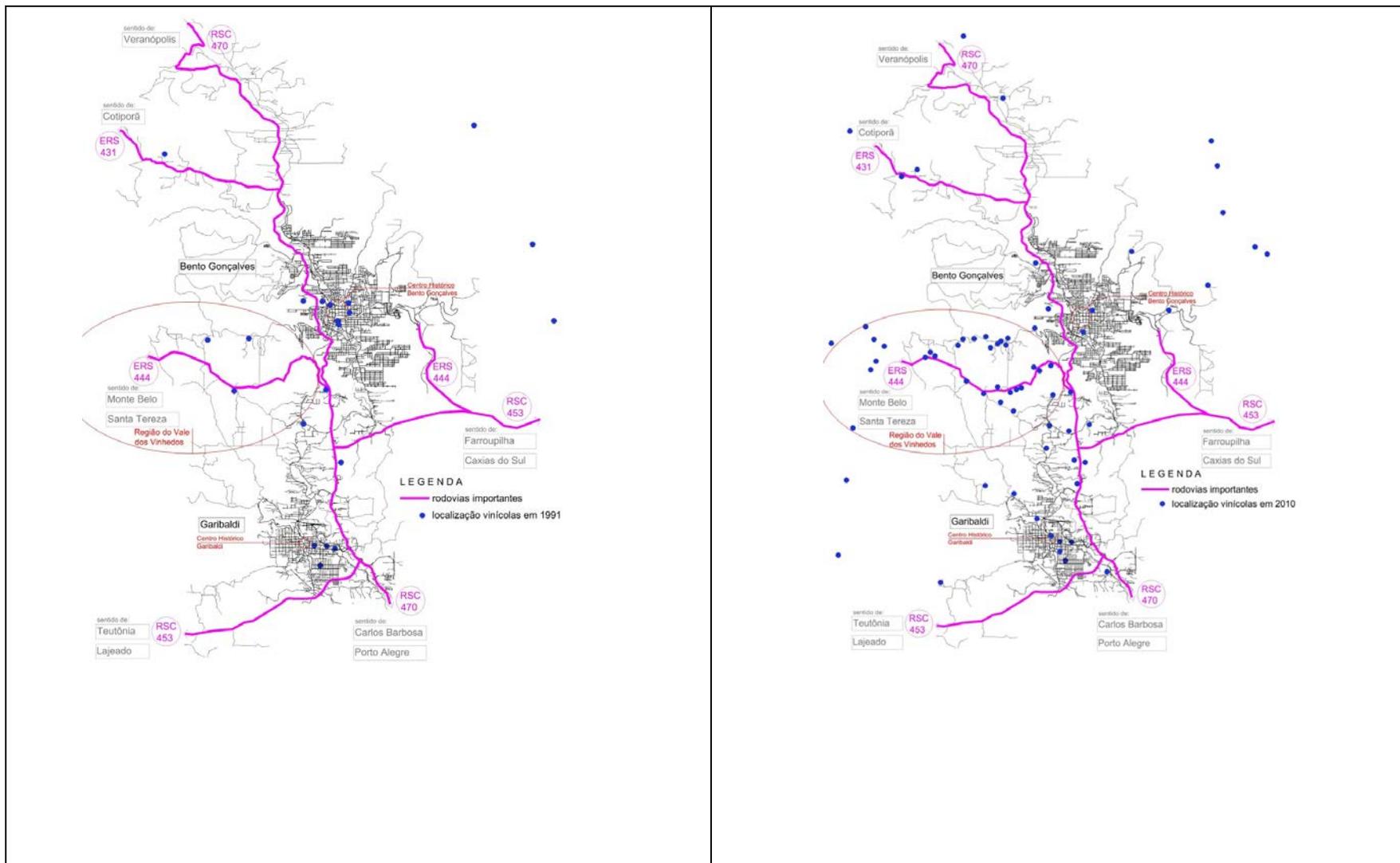


Figura 2- Comparativo da localização das indústrias vitivinícolas em 1991 e 2010.

Fonte - Elaboração própria sobre mapa atual. Dados de 1991: Revista UVIBRA, dados de 2010: IBRAVIN.

A saída das indústrias das áreas urbanas está relacionada a alguns fatores de repulsão, entre eles a questão da acessibilidade. Vale salientar que a indústria vitivinícola, em período de safra, demanda uma grande quantidade de caminhões, dificultando a circulação no núcleo urbano. Em Bento Gonçalves, este problema parece ter pressionado mais a saída das indústrias do que em Garibaldi, que é uma cidade de menor porte. As localizações das indústrias em áreas rurais e junto a rodovias eliminam esse tipo de problema, ao mesmo tempo em que garantem uma maior proximidade com as zonas produtoras da matéria prima. Outro fator de repulsão das vinícolas dos núcleos urbanos é a escassez e o alto custo de terrenos com dimensões adequadas ao processo produtivo.

Esse novo padrão locacional parece fortemente associado aos valores contemporâneos da localização. A integração dos ambientes rurais de produção agrícola, fabricação dos vinhos, visitação e venda de produtos, turismo a locais históricos e paisagens da imigração, festividades, etc., cria uma qualidade locacional que se sobrepõe a eventuais aumentos nos custos de transporte.

A proximidade às rodovias parece ter forte influência na localização das indústrias, permitindo também a saída dos produtos finais em direção aos centros maiores, como Caxias do Sul e Porto Alegre. Essa macro-acessibilidade também é vital para as novas relações entre as próprias vinícolas, com outras empresas ligadas ao enoturismo (caso do Vale dos Vinhedos), com os centros de pesquisa e facilitando, ao mesmo tempo, o acesso dos trabalhadores.

4. Indicadores de transformações sócio-espaciais

Neste item apresentam-se alguns indicadores relevantes da estruturação espacial da região em estudo (renda, densidade populacional, uso do solo e acessibilidade), procurando relacioná-los com a localização industrial vitivinícola. O objetivo é uma discussão preliminar sobre algumas transformações sócio-espaciais que estão ocorrendo atualmente na região.

4.1. Renda média da população

A Figura 3 apresenta a identificação dos padrões de renda média da região no ano de 2010, distribuídos por setores censitários. Os dois municípios em análise possuem estruturação monocêntrica, tendo seus centros históricos com os principais locais de serviços e comércios. Em Garibaldi o centro histórico é a forte referência no uso do solo e valorização

imobiliária e é ocupado pelas classes de alta renda. As classes de baixa renda estão mais afastadas do centro, situando-se mais próximas aos acessos regionais, RSC 470 e RSC 453 e na área rural do município. As classes médias ficam no entorno mais próximo no centro histórico e bem articuladas com ele.

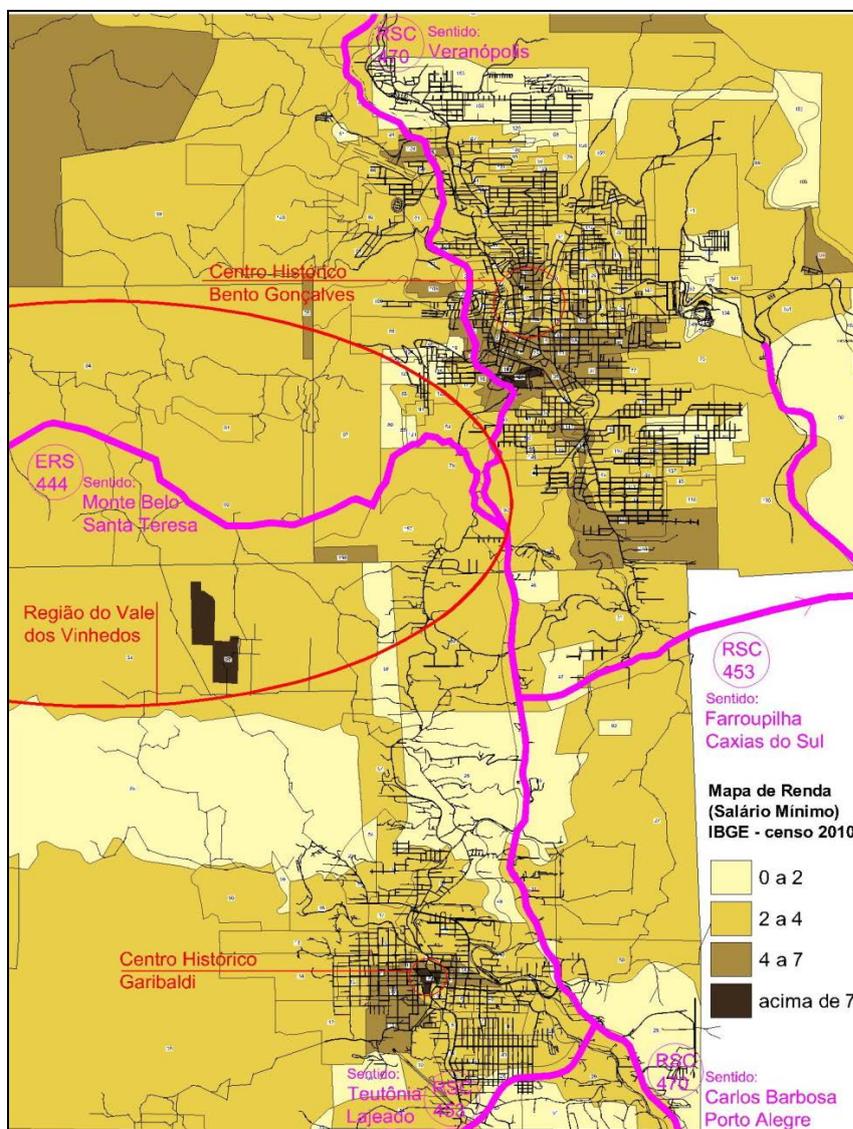


Figura 3–Renda média da população em 2010

Fonte: IBGE, 2010

Já em Bento Gonçalves o centro histórico é constituído pelas classes médias e média- altas. As classes altas localizam-se bem próximo ao centro histórico, no sentido sul, numa região mais plana e de cotas mais elevadas. Do mesmo modo, se valendo da topografia e das visuais as classes média-altas se distribuem a partir do centro, no sentido sul. Áreas ambientalmente frágeis, mais segregadas e muitas vezes impróprias para ocupação por ter

declividades superiores a 30%, são locais onde se encontram as menores rendas. A zona rural de Bento Gonçalves é em sua grande maioria constituída de classe média e média alta.

Observa-se também na Figura 3 que um núcleo de alta renda está localizado na zona rural, a oeste, na região do Vale dos Vinhedos. Trata-se de um empreendimento com características de condomínio fechado, o condomínio *Alto das Videiras*, com 40 hectares, localizado dentro da área que conquistou a certificação de Indicação de Procedência, cuja vocação natural seria para a expansão da produção. Novos projetos de condomínio fechado estão sendo construídos na mesma área e utilizando a paisagem das videiras como um produto imobiliário. Trata-se de uma tendência de segregação das camadas de alta renda em direção a locais mais distantes dos centros urbanos, um fato novo na estruturação residencial da região.

4.2. Densidade populacional

A Figura 4 apresenta os dados de densidade populacional na região em análise para o ano de 2010. A partir desses dados, observa-se a densificação dos dois núcleos urbanos (Bento Gonçalves e Garibaldi), cujo gradiente de densidade vai diminuindo, à medida que aumenta a distância dos centros.

O crescimento do eixo norte sul é maior se comparado ao sentido leste e oeste, este fato ocorre devido a linearidade dos eixos de transportes (RSC 470) e também de algumas barreiras naturais de expansão em função do relevo acentuado, paisagens preservadas e também a presença da bacia de captação do arroio Barracão a sudeste de Bento Gonçalves.

As áreas densas que não estão ligadas ao núcleo central são as áreas ocupadas pela população de baixa renda, mais evidentes ao norte e nordeste do perímetro urbano de Bento Gonçalves. Garibaldi não possui áreas significativas em porte e densidade ocupadas por população de baixa renda.

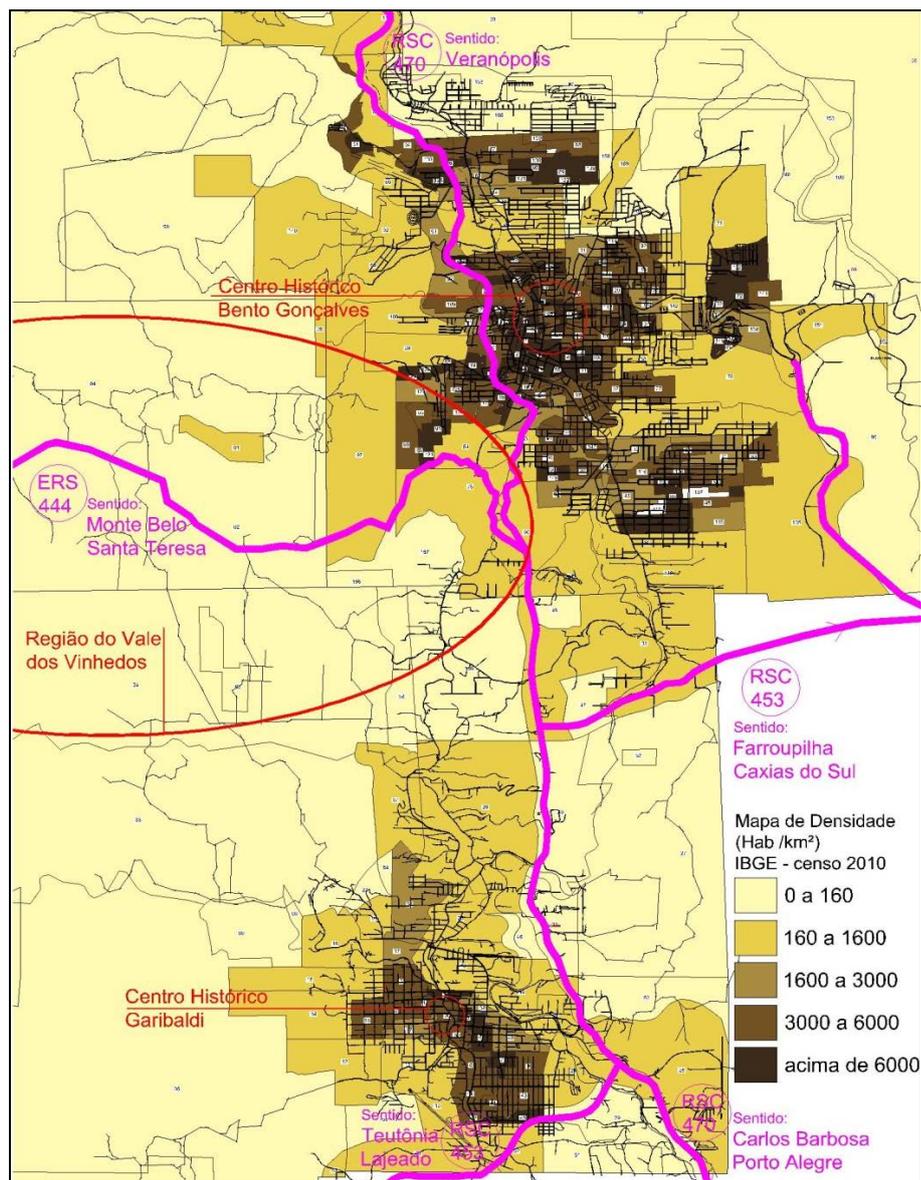


Figura 4 - Densidade Populacional (hab./km²) em 2010

Fonte: IBGE, 2010

Nas zonas de caráter rural a densidade é baixa, o que podemos observar são as densidades medianas dos aglomerados rurais dos distritos. Cada distrito possui um aglomerado com características mais densas e neles que acabam se concentrando um maior número de atividades.

A região em estudo atualmente atrai migrantes a procura de empregos e o índice de crescimento populacional está bastante acentuado. Este processo de crescimento populacional pode conduzir tanto ao aumento da expansão urbana sobre o espaço rural, bem

como à densificação das áreas urbanas. Qualquer uma das duas hipóteses gerará um grande impacto sobre o espaço regional

4.3. Uso do solo e acessibilidade regional

No intuito de confrontar as localizações industriais vitivinícolas com os demais usos e com a acessibilidade regional foi gerado um mapa esquemático, apresentado na Figura 5. Neste mapa, manchas urbanas identificam regiões sócio-econômicas (altas, médias e baixas rendas), além dos demais usos industriais (metalúrgicas, moveleiras, etc.). Também são marcados os acessos regionais mais importantes.

Conforme já foi destacado, a região de Bento Gonçalves e Garibaldi possui um perfil industrial bastante forte onde a indústria em geral está implantada de forma disseminada também no núcleo urbano. Porém a indústria tende a se localizar próximo aos grandes acessos regionais pela facilidade de escoamento de produção pelas rodovias.

No que se refere à macro-acessibilidade, a região em estudo é dotada de diversas rodovias importantes que fazem a ligação com outros centros. Estas ligações são de extrema importância para o desenvolvimento regional. É o caso da RSC 470, que faz a ligação dos três municípios conurbados, Bento Gonçalves, Garibaldi e Carlos Barbosa e, ao sul, liga a região com Porto Alegre. Esta rodovia segue um percurso similar ao da antiga via férrea e acentuou-se como uma direção de desenvolvimento do espaço urbano regional. Foi no sentido desta ligação, que os municípios cresceram. Outra importante ligação regional é a rodovia RSC 453, ligando a diversos municípios (Teutônia, Lajeado, Farroupilha e Caxias do Sul).

Ao longo dessas duas rodovias (RSC 470 e RSC 453) é que se observa a maior concentração industrial. No seu entorno, localizou-se uma população de menor renda, ao sul do município de Garibaldi na RSC 453 e também a oeste da RSC 470 no município de Bento Gonçalves, ambos localizados do lado oposto ao núcleo urbano. As rodovias funcionam como uma barreira e acabam segregando o espaço.

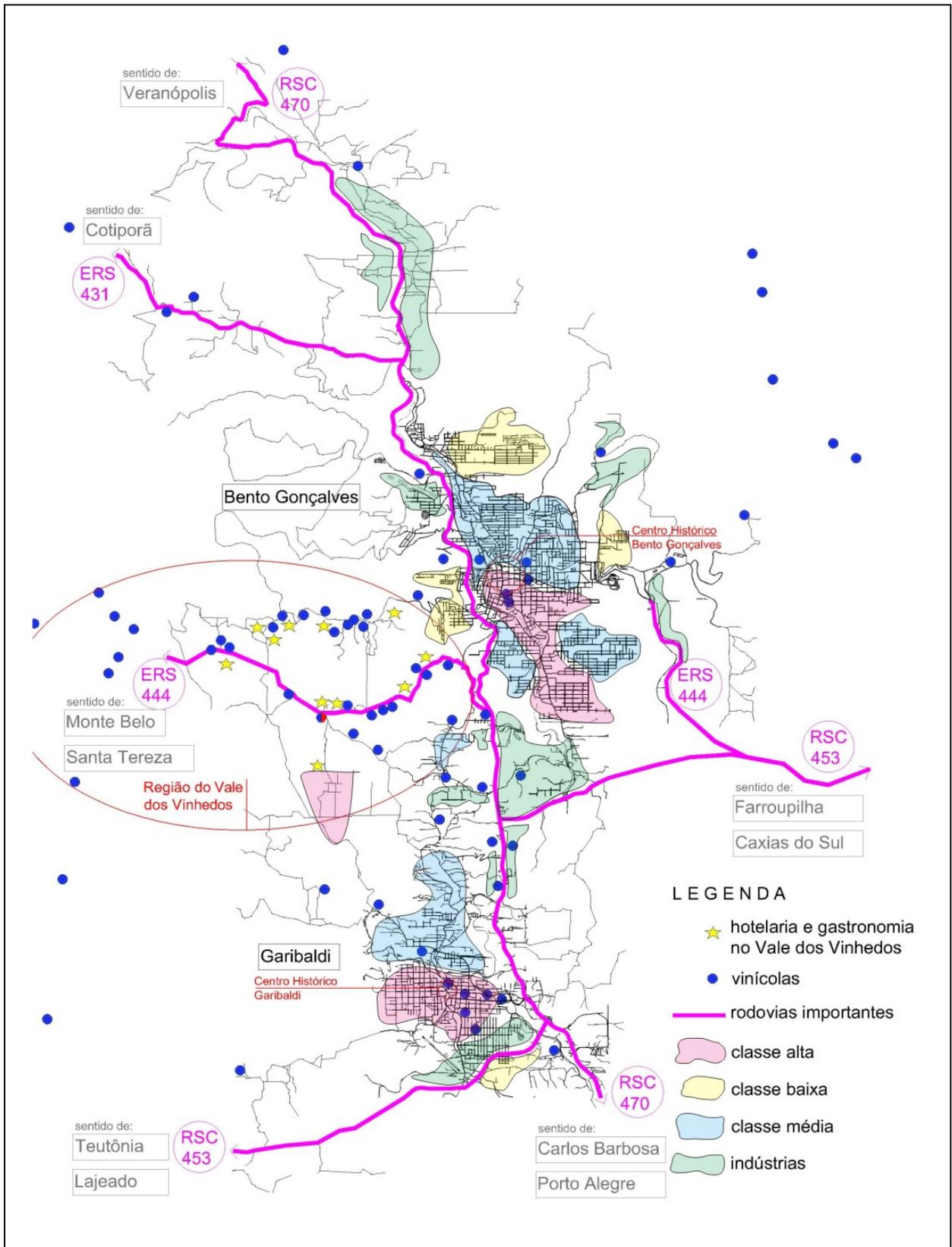


Figura 5 – Usos do solo, acessibilidade regional e setores de renda

Fonte – Elaboração própria sobre mapa 2012.

O Vale dos Vinhedos (em destaque na Figura 5) é cortado pela ERS 444, que liga a região com os municípios de Santa Teresa e Monte Belo. A ERS 444 teve grande importância na formação regional, na época da imigração. Atualmente Santa Teresa tem seu centro histórico tombado como patrimônio da humanidade pela UNESCO.

No Vale dos Vinhedos, a Figura 5 também destaca os empreendimentos ligados à gastronomia e à hotelaria dentre eles pousadas, hotéis, restaurantes, queijarias e gourmeterias em geral. Hoje a região possui diversas rotas turísticas, a mais importante é a do Vale dos Vinhedos, com visitação anual de 182mil pessoas (SRBS¹/2009). Segundo dados da APROVALE, além das 27 vinícolas associadas, o roteiro abriga outros 35 empreendimentos de apoio ao turismo, como por exemplo, nove hotéis e pousadas, onze restaurantes, dois cafés, duas operadores de turismo, entre outros. Estes múltiplos usos fazem com que o Vale dos Vinhedos seja caracterizado por uma concentração multifuncional, não só de indústrias vinícolas, mas também de usos que complementam e dão suporte ao turismo.

As empresas locais fizeram pesados investimentos nas atividades turísticas, como exemplo pode-se citar o Spa do Vinho, resultado de parcerias entre um grupo de empresários, entre os quais a rede Accor e a Vinícola Miolo, do Vale. Em trabalho desenvolvido em 2007, Valduga realizou uma série de entrevistas com empresários e gestores públicos, verificando uma grande preocupação com o futuro do turismo no Vale dos Vinhedos. Entre estas preocupações estão a poluição visual, a violência, a densificação construtiva, a exclusão das comunidades locais, a falta de iniciativas em preservar a memória local, tanto cultural quanto arquitetônica, entre outras. Os entrevistados percebem a importância de novos investimentos para diversificar os produtos locais, mas consideram que é preciso controle para que a especulação imobiliária não se amplie (Valduga, 2007, p. 107).

Em 2006, a Prefeitura de Bento Gonçalves regulamentou o processo de produção do seu espaço rural através de um plano de ordenamento, inserido no Plano Diretor municipal. Este plano estabeleceu regras para o desenvolvimento e ocupação das áreas rurais, procurando valorizar a importância da história que estes espaços rurais tiveram para a formação regional. No entanto, este plano não é integrado aos demais municípios que compõem o Vale dos Vinhedos (Garibaldi e Monte Belo).

¹ Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares da Região Uva e Vinho.

5. Conclusões

A partir da década 1990, a globalização trouxe um ambiente empresarial mais competitivo, instável e os consumidores tornaram-se mais exigentes frente a uma maior variedade de produtos disponíveis. Isto fez com que as indústrias vitivinícolas passassem por significativos processos de modernização produtiva interna e também em relação ao contexto regional.

Este trabalho identificou, num período de dezenove anos, entre 1991 e 2010, um aumento de mais de seis vezes na quantidade de empresas desse setor. As vinícolas foram atraídas para novos locais fora dos centros urbanos, tanto em áreas rurais bem como junto a importantes rodovias. O novo padrão locacional inclui também a aglomeração no Vale dos Vinhedos, formando um novo sistema local de inovação. Há que se ressaltar que a criação do Vale dos Vinhedos não foi uma ação do capital imobiliário ou do Estado, criando um distrito empresarial, mas resultou de uma associação entre o próprio capital produtivo (vinícolas), num contexto de atores locais e instituições favoráveis à inovação.

Conforme já afirmado, esse novo padrão de distribuição espacial está fortemente associado a fatores identificados nas teorias contemporâneas de localização industrial. Verifica-se que a localização (geografia) agregou aos negócios novos valores de paisagem e identidade, que foram muito importantes à própria atividade produtiva e suas certificações de origem e procedência. No Vale dos Vinhedos, um local com características rurais, foi identificada uma considerável diversificação funcional. O Vale desenvolveu uma forte atividade enoturística, atraindo diversos empreendimentos do segmento hoteleiro e gastronômico, agências de turismo bem como empreendimentos residenciais voltados à população de maior renda.

Do ponto de vista dos impactos dessa reestruturação produtiva sobre a estruturação espacial urbana e regional, este trabalho apresentou alguns resultados preliminares, a serem aprofundados por futuras pesquisas. Uma primeira observação é que os processos de conturbação, já observados antes da década de 1990 na região, se tornaram mais complexos a partir da reestruturação produtiva da indústria vitivinícola, mostrando que, de fato, as novas lógicas de urbanização não ocorrem apenas nas grandes metrópoles, mas em espaços de diferentes tamanhos demográficos e papéis na economia globalizada.

No caso específico do Vale dos Vinhedos, este se constituiu num novo tipo de ocupação, mesclando características urbanas e rurais, evidenciando a ocorrência da

interpenetração entre o urbano e o rural (Sposito, 2009), e contrastando com as estruturas monocêntricas pré-existentes (Bento Gonçalves e Garibaldi).

Verificou-se que, no Vale dos Vinhedos, o fato de o capital imobiliário estar se associando às vinícolas no desenvolvimento de diversas incorporações (hotéis, loteamentos fechados), passou a introduzir lógicas de lucratividade imobiliária no território rural. Este fato levanta preocupações e incertezas quanto ao futuro dessa área.

Do ponto de vista do planejamento urbano e regional, o Vale dos Vinhedos se coloca como um desafio, pois se constitui numa área rural que abrange territórios pertencentes a três municípios diferentes. A realidade vem mostrando que o planejamento integrado é de difícil viabilização no interior das estruturas existentes. Instâncias de planejamento regional integrado, como o caso da AUNE, citado anteriormente, são iniciativas de integração importantes e que deveriam ser fortalecidas.

Ao concluir, verifica-se a complexidade das novas relações entre a indústria e o espaço urbano e regional, remetendo a necessidade de estudos e monitoramentos permanentes a fim de subsidiar as decisões dos agentes públicos, empresários e comunidade, na direção de um desenvolvimento econômico com inclusão social e preservação dos valores ambientais, paisagísticos e culturais.

6. Referências

Allen, Peter M., 1997. *Cities and Regions as Self-Organizing Systems – Models of Complexity*. Amsterdam, OPA (Overseas Publishers Association).

Barquette, Stael. 2002. Fatores de localização de incubadoras e empreendimentos de alta tecnologia. São Paulo, RAE – Revista de Administração de Empresas, Jul./Set., v.42, n.3, p. 101-113.

Cavalcante, Luiz Ricardo Mattos Teixeira. 2008. Produção Teórica em Economia Regional: uma Proposta de Sistematização. [Online]. Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos. Vol. 2, n. 1, Jan/Jun. Disponível:

<http://www.revistaaber.com.br/index.php/aber/article/viewFile/1/3> [Acessado em 10 novembro 2012]

Crowter, David e Echenique, Marcial. 1975. Desarrollo de um Modelo de Estructura Urbana Espacial. In: Martin L; March L. e Echenique M. *La Estructura del Espacio Urbano*, Barcelona, Ed. Gustavo Gilli.

Gollo, Silvana S. 2006. Inovação e Estratégia de Cooperação Competitiva. Estudo de Caso da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos, Serra Gaúcha/RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tese de Doutorado, Escola de Administração.

IBRAVIN - Instituto Brasileiro do Vinho. 2012. [Online]. Disponível em: <http://www.ibravin.org.br/> [Acessado em 16 novembro 2012]

Indovina, Francesco. 2007. Antes de la Ciudad Difusa. In: Indovina, F. (coord). A Ciudad de Baja Densidad. Lógicas, Gestión y Contención. Diputació de Barcelona. Serie Territorio.

Jeziorny, Daniel Lemos e Ortega, Antônio César. 2011 Inovação e Performance Competitiva na Indústria Vitivinícola Brasileira [Online]. Publicações FEE-RS (Fundação de Economia e Estatística). Disponível em:

<http://www.fee.tche.br> [Acessado em 10 novembro 2012]

Mello, Loiva Maria Ribeiro de. Vitivinicultura Brasileira: Panorama 2010. <http://www.uvibra.com.br/pdf/Panorama%202010%20-20Vitivinicultura%20Brasileira.pdf> [Acessado em 05 outubro 2012].

Michelini, Juan José; Arjona, Jesús Tébar ; Aragon, Luis Abad. 2012. Trayectorias Industriales y Gobernanza Local en Ciudades Intermedias de la Periferia Madrileña: los casos de Getafe y Alcalá de Henares. Anales de Geografía, vol. 32, núm. 1, p. 45-68.

Richardson, Harry W. 1975. Economia Regional. Rio de Janeiro, Zahar Ed.

Ultramar, Clovis e Duarte, Fábio. 2011. Desenvolvimento Local e Regional. Ed. Ibpeex, 2. ed. 152 p.

UVIBRA (União Brasileira de Vitivinicultura). Catálogo de Vinícolas e Vinhos do Brasil. 1990. Revista do Vinho, Publicação, ano 4, no. 19 – jul./ago.

Valduga, Vander. 2007. O Processo de Desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos. Universidade de Caxias do Sul, Dissertação de Mestrado em Turismo.

Sposito, Maria Encarnação Beltrão. 2009. Urbanização Difusa e Cidades Dispersas: Perspectivas Espaço-Temporais Contemporâneas, pp. 38-54, in: REIS, Nestor Goulart (organizador). Sobre Dispersão Urbana. São Paulo: Via das Artes.

Secchi, Bernardo. 2006. Primeira Lição de Urbanismo. São Paulo, Ed. Perspectiva.